

# A COMUNHÃO DO FEMININO NA CONSTRUÇÃO DO MASCULINO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS<sup>1</sup>

Cristiane da Silva Alves

Mestranda em Literatura Brasileira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Ao analisar em *Grande sertão: veredas* a relação entre homens e mulheres, focando as personagens femininas, mais precisamente as que compõem a tríade do amor riobaldiano, com suas semelhanças e diferenças, é possível vislumbrar não apenas o papel das mulheres na obra, como também a sua influência na trajetória do personagem Riobaldo, interesse que originou este trabalho.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa – *Grande sertão: veredas*. *Grande sertão: veredas* – crítica e interpretação. Mulher – tema literário.

Abstract: Analyzing in *Grande sertão: veredas* the relationship between men and women, focused on female characters, mainly on Riobaldo's three love affairs, with their similarities and differences, it is possible to see the role of the women in the work and their influence on the trajectory of the character Riobaldo, which gave rise to this work.

Keywords: João Guimarães Rosa – *Grande sertão: veredas*. *Grande sertão: veredas* – Criticism and interpretation. Woman – Literary theme.

São muitos, não há dúvidas, os estudos acerca da obra de Rosa e, sobretudo, no que se refere a *Grande sertão: veredas*; entretanto, como já apontara Antonio Candido,

[...] na extraordinária obra-prima *Grande sertão: veredas* há tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto conforme seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar” (CANDIDO, 1991, p. 294).

Soma-se a isso o fato de que, por muito tempo, os estudos sobre *Grande sertão: veredas* voltaram-se para a linguagem rosiana, para a questão do pacto ou para a figura do narrador, enquanto o feminino na obra permanecia carente de aprofundamento, especialmente no que tange a sua contribuição na trajetória do narrador.

Assim, o que se propõe com o presente trabalho é um estudo mais detalhado da relação entre homens e mulheres no ambiente sertanejo, além de verificar como a personagem

Riobaldo se insere nessa relação e em que medida ele se diferencia dos demais jagunços.

A inicial estranheza com que o livro se abre – com um travessão –, aliada a uma certa dificuldade de ultrapassar as suas primeiras páginas, constitui, não raras vezes, obstáculo para que se promova o estudo aprofundado de *Grande sertão: veredas*, o qual implica, naturalmente, na leitura atenta e na(s) releitura(s) da obra. Não podemos nos esquecer, contudo, que “a literatura do G. R. não é endereçada a leitores apressados, nem se rende a quem não está interessado em conquistá-la. A palavra vale como palavra. Não lê Guimarães Rosa quem não o lê palavra por palavra e não o relê depois de já o ter lido com todo o vagar”, como aponta Donald Schüller (SCHÜLLER, 1991, p. 367).

Luiz Roncari, por sua vez, lembra, acerca de Guimarães Rosa, que

[...] a astúcia e a estratégia literária do autor consistem na criação de enigmas e mistérios, escrevendo de modo cifrado e misturando aos fatos da experiência uma quantidade de elementos místicos e cabalísticos, o que nos faz imaginarmos mexendo com deuses, santos e demônios; porém isso deve ser mais uma razão para nos alertar sobre a necessidade do esforço crítico e decifratório, como forma de não sucumbir aos mistérios, cujos significados, entretanto, também precisam ser compreendidos (2004, p. 106-107).

É “vasculhando” a obra, pois, meticulosamente, que se vai desdobrando o grandioso universo “tecido” por Rosa, cuja compreensão demanda não apenas curiosidade, atenção e energia, mas, acima de tudo, paciência. Mais uma vez, valho-me da lição de Donald Schüller que comenta, sabiamente, que “todo esforço do que cria está voltado para a comunicação. Mas deve haver uma resposta correspondente. Esforço para compreender” (SCHÜLLER, 1991, p. 376).

É verdade que é difícil entrever um lugar para as mulheres e para o desenvolvimento do princípio feminino no sertão dominado pelo mando e pela violência dos homens; como lembra Kathrin Rosenfield, “o sertão enquanto universo da virilidade férrea e sangrenta parece ser fundamentalmente hostil à feminidade e, ao mesmo tempo, à vida” (ROSENFELD, 2006, p. 271).

Também com acerto, comenta Suzi Sperber que “dentre os papéis – funções – do sertão, há um que não muda, que não suporta uma ordem nova: é o papel – função – de homem e de mulher. Concede-se à mulher no máximo a função de mediadora. Mas não tem o direito de ser o sujeito de seu destino, a menos que o seu destino seja equacionado em função dos homens” (SPERBER, 1982, p. 95).

Igualmente, muito bem se aplica ao sertão rosiano aquilo que Norbert Elias escreveu acerca da sociedade feudal “onde o homem mandava e a dependência das mulheres era visível e quase irrestrita, nada o obrigava a conter suas pulsões e a impor-lhe controles” (1993, p. 78), um mundo de machos dominantes e mulheres sujeitas.

É mister, contudo, seguir as pistas deixadas por Rosa ao longo da obra, para que se descubra a importância das mulheres no desenrolar da história, que, se não é facilmente percebida, não há de ser negada após releitura(s) atenta(s), levando em conta, para além das aparências, a relevância que o personagem/narrador Riobaldo concede às mulheres e ao universo feminino.

Desde os primeiros passos, pois, Riobaldo, de paternidade ignorada, foi sempre conduzido por mãos femininas. Do feminino vieram seus valores, seu sustento e suas lembranças, o nascer e o crescer de seus afetos, que a jagunçagem não conseguiu apagar e que as mulheres, ao longo de sua *travessia*, cuidaram de reforçar. Não é sem motivo, portanto, que

nos bandos de jagunços, Riobaldo surge como o único para quem o mundo feminino tem um interesse intrínseco – um segredo e uma atração maravilhosa que conferem à mulher uma dignidade marcante e independente dos interesses jagunços. (ROSENFELD, 2006, p. 272).

Com efeito, uma leitura mais detalhada torna possível constatar que, em *Grande sertão: veredas*, as personagens femininas que vão sendo delineadas ao longo da obra colaboram todas para a promoção ou aprimoramento do masculino, do viril representado pelo personagem Riobaldo que, seguindo a sua *travessia*, atinge pelas mãos dessas mulheres a transformação que o conduzirá à ascensão social e espiritual.

Entre as personagens principais, destaca-se Diadorim, que, ambígua, andrógina, é o ser desviante, perturbador, que desequilibra, angustia, confunde. Através dela, Riobaldo experimentará o encantamento, o feitiço da mulher que, mesmo oculta, travestida de homem, é uma ameaça, uma “armadilha do demônio” que seduz e “desassossega” com um mero olhar.

O senhor saiba – Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão (ROSA, 2001, p. 505).

Como Eva, a primeira mulher, sua sedução conduzirá à queda, à dor e ao caos, mas também à descoberta – do mundo e de si mesmo. Diadorim é o amor impossível e irrealizado, contra o qual Riobaldo se debaterá ao longo de toda a sua *travessia*, mas ao qual se manterá atado como a um feitiço, do qual só consegue se desvencilhar ao final, quando morrem Hermógenes – o demo – e a própria Diadorim, desfazendo-se o encanto e permitindo que Riobaldo, purificado, rume para os braços de Otacília, na qual encontra a paz e o equilíbrio.

Diadorim, dúbia sempre, é quem há de despertar a atenção de Riobaldo para as ambiguidades circundantes, o claro e o escuro; o amor e o ódio; o bem e o mal; tudo misturado, tudo coexistindo; o caos promovendo a ordem – e até mesmo Deus “manobrando por intermédio do *diá*” (ROSA, 2001, p. 56). Não obstante, a mesma personagem que o ensina a apreciar “as belezas sem dono” (ROSA, 2001, p. 42), a admirar a natureza com seus sons, aromas e matizes, irá conduzir Riobaldo rumo à crueza, à aspereza do sertão e seus (des) rumos. Diadorim, encantadora, tentadora, fascina Riobaldo, seduz o jagunço e arrasta-o para trilhas de sangue, dor e desolação, nas quais se encontra mergulhada buscando limpar o sertão e vingar a morte do pai. Como lembra Antônio Cândido, “Diadorim, andrógino e terrível como os anjos, primeiro trouxe-o para o bando, depois contaminou-o com o seu projeto de vingança” (CÂNDIDO, 1977, p. 194). Diadorim, diabólica, com toda a malícia e astúcia de mulher, atrai Riobaldo e toma-lhe o sossego, o pensamento, o entendimento.

Mais eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria (ROSA, 2001, p. 162-163).

O próprio Riobaldo se pergunta (ou adivinha?) se aquele amor, que o punha doente, poderia vir do demônio: “o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe?” (ROSA, 2001, p. 155). Por vezes, o jagunço parece mesmo ter certeza:

E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espirecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. (...) Sempre. Do demo (ROSA, 2001, p. 163).

Também a maneira como o jagunço se refere ao diabo – *diá* – não por simples coincidência, é o mesmo diminutivo pelo qual chama Diadorim, certa vez:

“Diga o senhor, sobre mim diga. Até podendo ser, de alguém algum dia ouvir e entender assim: quem sabe a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do *diá*?” (ROSA, 2001, p. 56).

– “...Mas, porém, quando isto tudo findar, Diá, Di, então, quando eu casar, tu deve de vir viver em companhia com a gente, numa fazenda, em boa beira do Urucúia...” (ROSA, 2001, p. 604).

O que reforça ainda mais a possível origem diabólica daquele sentimento de Riobaldo é que, como bem lembra Benedito Nunes, o encantamento por Diadorim somente se desvanece no final do romance, quando Hermógenes, a própria encarnação do diabo, é finalmente destruído (NUNES, 1969, p. 144).

Se através de Diadorim o olhar de Riobaldo se abre para um mundo novo, também é através dela que sua alma se abrirá para o desequilíbrio, para a angústia do “não-saber e querer”<sup>2</sup>, que há de acompanhá-lo feito sombra, a figura de Diadorim a aparecer e desaparecer: “Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos. Ah, quem faz isso não é por ser e se saber pessoa culpada?” (ROSA, 2001, p. 78).

É oportuno ressaltar que, em *Grande sertão: veredas*, embora o pactário Hermógenes, o Judas, tenha incitado o ódio com a sua traição, é de Diadorim que brota a sede de sangue, é ela quem irá conduzir Riobaldo à guerra e ao ajuste com o diabo. Diadorim, que “suspirava de ódio, como se fosse por amor” (ROSA, 2001, p. 46) é quem conduz Riobaldo a desafiar o poder divino e entregar-se ao mal, a oferecer a sua alma e render-se ao pacto com o maligno.

Mas se Diadorim é ódio, é vingança, Diadorim é também justiça<sup>3</sup>. Sua “missão”, antes de tudo, é continuar a obra do pai, Joca Ramiro, e limpar o sertão, bem como eliminar os traidores, os “hermógenes”, os “Judas”, vingando a morte do grande líder, empreitando verdadeira façanha de herói medieval. Diadorim, aliás, “sempre atencioso, esmarte, correto em seu bom proceder” (ROSA, 2001, p. 202), reúne todas as características do herói: bons atributos morais, porte, beleza física, além da linhagem (eis que descendente do chefe Joca Ramiro) e a inquestionável coragem, como o próprio Riobaldo atesta: “o único homem que a coragem dele nunca piscava” (ROSA, 2001, p. 444).

Destemida, Diadorim entrega-se à morte e livra o sertão do demo, do Hermógenes, ao mesmo tempo em que se liberta do poder diabólico que a envolvia, permitindo-se adentrar em uma outra dimensão, garantindo, com o gesto final de sacrifício e desprendimento, a redenção e ascensão ao seio de Deus – “A Deus dada. Pobrezinha...” (ROSA, 2001, p. 615). Diadorim, diabólica, sanguinária, torna-se, ao final, uma espécie de “cordeiro de Deus”, cujo sangue é derramado não somente para vingar o pai morto, mas, principalmente, para libertar do mal o sertão e, em última instância, libertar Riobaldo daquele feitiço que o mantinha inebriado, agrilhoado. O próprio Riobaldo, aliás, toma consciência, com a morte de Diadorim, que havia um encantamento que naquele momento se desfez: “Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei a mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores” (ROSA, 2001, p. 615). Ironicamente, é o sacrifício de Diadorim que redimirá Riobaldo, o qual, purificado e livre, abstendo-se do mal e da jagunçagem, encontrará a paz e a religiosidade nos braços de Otacília – “De mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção” (ROSA, 2001, p. 40).

Otacília, pura, sensível e delicada, é o amor espiritual a quem Riobaldo consagra a sua vida. A moça, etérea e bucólica, é praticamente a promessa de redenção e ascensão para Riobaldo, garantindo-lhe, através do casamento, não somente o sossego, como também o *status* de fazendeiro, dono de terras. Com ela Riobaldo deixa de existir como jagunço, para dar lugar ao homem de família, amoroso e temente a Deus. Contrastando com Diadorim, enigmática, ambígua, “neblina” para Riobaldo, Otacília é a moça tranquila, sem segredos, sem ódios, é o ser angelical em cujo peito o jagunço encontra a paz, o reconforto quase celestial.

Representando ambas o inferno e o céu para onde Riobaldo é duplamente atraído, Diadorim é guerreira, selvagem, derramando sangue pelo sertão afora, enquanto Otacília é etérea, bucólica. “Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar – ela eu conheci em conjuntos suaves, *tudo dado e clareado*, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase” (ROSA, 2001, p. 156, grifo meu). Enquanto Diadorim oculta, falseia e confunde, em Otacília os sentimentos são manifestos, límpidos, *tudo dado e clareado*, sem enigmas, sem sobressaltos, oferecendo a Riobaldo aquilo que Diadorim lhe nega. “Moça que *dava amor por mim*, existia nas Serras dos Gerais – Buritis Altos, cabeceira de vereda – na Fazenda Santa Catarina” (ROSA, 2001, p. 67, grifo meu).

Se pela mão de Diadorim Riobaldo é conduzido à *travessia*, com Otacília ele é conduzido à finalização de uma etapa de sua vida, encerrando a jagunçagem que, no momento da narração, já está relegada ao passado, existindo apenas nas lembranças do ex-jagunço, agora um senhor tranquilo, desfrutando da paz e conforto de suas terras ao lado da boa e devota esposa. Como observa Dacanal, “o presente é o ponto final, o último estágio da *travessia* de Riobaldo. Em todos os sentidos: existencial, especificamente interior ou espiritual e, até, geográfico, social e econômico” (DACANAL, 1988, p. 27). O jagunço Riobaldo deixa de existir, dando lugar ao homem de família, amoroso, temente a Deus: “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não sou, não quero ser. Deus esteja” (ROSA, 2001, p. 232). O *bem-querer* de Otacília, *rezas dela*, é que reconduzem Riobaldo ao universo celestial da paz e da devoção, universo perdido, quase esquecido ao longo da penosa *travessia* que o desviou da religiosidade experimentada com a mãe Bigri, ainda menino, para lançá-lo

no abismo dos *hermógenes*, dos bárbaros apartados de Deus e de tudo o que é puro e belo.

Se Diadorim lhe abrisse os caminhos incertos e traiçoeiros da vida de jagunço, marcada pelo vazio e pela errância, Otacília, *a firme presença*, abre para Riobaldo a possibilidade de se fixar, de *morar residido*, de levar uma vida sensata, estável, de bases sólidas; ela, a moça da *abençoada fazenda*, é o porto seguro no qual o jagunço pode, enfim, ancorar o seu destino.

Também eu queria que tudo tivesse logo um razoável fim, em tanto para eu então largar a jagunçagem. Minha Otacília, horas dessas, graças a Deus havia de parar longe dali, resguardada protegida. O tudo conseguisse fim, eu batia para lá, topava com ela, conduzia. Aí eu aí desprezava o ofício de jagunço, impostura de chefe. Sei quem é chefe? Só o gatilho de arma-de-fogo e os ponteiros do relógio. Sensato somente eu saísse do meio do sertão, ia morar residido, em fazenda perto da cidade (ROSA, 2001, p. 590).

Ainda que confusamente, dividido entre o “feitiço” de Diadorim e a afeição pura de Otacília, o encontro com esta última faz com que Riobaldo comece a delinear em seu íntimo um novo destino, que já não se coaduna com os desmandos da jagunçagem que, ao menos aparentemente, era só o que Diadorim parecia disposta a oferecer-lhe. Ante a eterna indefinição de Diadorim, e as possibilidades vislumbradas na Fazenda Santa Catarina, Riobaldo vai lentamente desenvolvendo “uma vontade de conversão de sua vida terrena, de trocar a guerra pela paz, de deixar as atribulações da luta e voltar-se para uma vida caseira, doméstica, de propriedade e trabalho no campo” (RONCARI, 2004, p. 244).

A própria Diadorim, consciente da sua impotência, da impossibilidade de se realizar como mulher ao lado de Riobaldo, e, antevendo as aspirações deste, é quem acaba por conduzi-lo aos braços de Otacília, despertando o carinho e o gostar do jagunço, deixando aflorar o que, talvez, fosse um sonho seu, mas que parecia prever que era Otacília quem viria a concretizar.

– “... Você se casa, Riobaldo, com a moça da Santa Catarina. Vocês vão casar, sei de mim, se sei; ela é bonita, reconheço, gentil moça paçã, peço a Deus que ela te tenha sempre muito amor... Estou vendo vocês dois juntos, tão juntos, prendido nos cabelos dela um botão de bogari. Ah, o que as mulheres tanto se



vestem: camisa de cassa branca, com muitas rendas... A noiva, com o alvo véu de filó...” (ROSA, 2001 p. 393).

Otacília, já idealizada no pensamento de Riobaldo, cresce, então, em seus devaneios, na medida em que avança o contar de Diadorim, *devagarinho, de sonsom*, como se estivesse a hipnotizar Riobaldo, esvaziando sua mente de toda a crueza, da aspereza do sertão, para conduzi-lo ao ambiente quase onírico do lar regido pelas delicadas mãos de Otacília, em tudo cercado pelos seus ternos cuidados, alegria e felicidade.

Diadorim mesmo repassava carinho naquela fala. Melar mel de flor. E me embestia – o que estava me ensinando a gostar da minha Otacília. Era? Agora falava devagarinho, de sonsom, feito se imaginasse sempre, a si mesmo uma estória recontasse. Altas borboletas num desvoejar. Como se eu nem estivesse ali ao pé. Ele falava de Otacília. Dela vivendo o razoável de cada dia, no estar. Otacília penteando compridos cabelos e perfumando com óleo de sete-amores, para que minhas mãos gostassem deles mais. E Otacília tomando conta da casa, de nossos filhos, que decerto íamos ter. Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante de imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló. Otacília indo por meu braço às festas da cidade, vaidosa de se feliz e de tudo, em seu vestido novo de molmol. Ao tanto, deusadamente ele discorresse (ROSA, 2001, p. 393-394).

O amor de Otacília e o ambiente acolhedor da Fazenda permitem a Riobaldo retomar o contato com o universo feminino e o mundo civilizado, com seu dia a dia ordenado, envolto em afazeres domésticos, em obrigações sociais, em “ocupações da cidade”, coberto pelo cuidado e a afeição feminina, maternal, devotada, a mesma que Riobaldo experimentara pelas mãos da mãe Bigri, com sua *bondade especial*, e da qual fora por tanto tempo apartado. O enlace com a moça possibilita a ascensão de Riobaldo à vida regrada e respeitável, beneficiando-o com as posses e prestígio que a família dela possui, razões que, aliadas aos predicados de Otacília, física e moralmente irretocável, impelem-no a unir-se a ela.

[...] eu cacei melhor coragem, e pedi meu destino a Otacília. [...] Por breve – pensei – era que eu me despedia daquela abençoada fazenda Santa Catarina, excelentes produções. Não que eu acendesse em mim ambição de têres e havêres; queria era só mesma Otacília, minha vontade de amor. Mas, com um significado de paz, de amizade de todos, de sossegadas boas regras, eu pensava: nas rezas, nas roupagens, na festa, na mesa grande com comedorias e doces; e, no meio do solene, o sôr Amadeu, pai dela, que apartasse –

destinado para nós dois – um buritizal em dote, conforme o uso dos antigos (ROSA, 2001, p. 213).

Além das vantagens já enumeradas, Otacília abertamente apresenta – e Riobaldo decide aceitar – uma oportunidade para ele resgatar o amparo, a delicadeza e o conforto feminino apaziguador e generoso que perdera ao longo de sua vida e que Diadorim, por sua vez, renunciara, empenhada em seu *mandado de ódio*, sacrificando a feminilidade e abafando a meiguice que Riobaldo adivinha, mas que a moça lhe nega, sempre envolta em batalhas, morte e destruição – “tempo de descanso, em que eu mais amizade queria, Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue” (ROSA, 2001, p. 46).

Enquanto Otacília é entregue, disponibilizando seu amor e seu destino, Diadorim é *o adiável, o do depois*, postergando firmemente a aceitação dos afetos, dos mimos que Riobaldo lhe oferece, lembrando sempre de antes vingar, cumprir o *mandado de ódio*, para só então, só depois, recebê-lo – “Aí guarda outra vez, por um tempo. Até em quando se tenha terminado de cumprir a vingança por Joca Ramiro. Nesse dia, então, eu recebo...” (ROSA, 2001, p. 390). Mas se Diadorim titubeia, protela, Otacília é decidida, a *firme presença*, que sabe e deixa saber o que tenciona para si e para sua vida, como resta claro na cena em que Riobaldo avista a flor branca, que *parecia um lírio*, e que, nas portas das casas de fazenda em que há moças casadoiras, “de propósito plantam, para resposta e pergunta” (ROSA, 2001, p. 206), costume desconhecido do jagunço, que, curioso, indaga o nome da flor.

– “*Casa-comigo...*” – Otacília baixinho me atendeu. E, no dizer, tirou de mim os olhos; mas o tiritozinho de sua voz eu guardei e recebi, porque era de sentimento. Ou não era? Daquele curto lisim de dúvidas foi que minou meu maisquerer. E o nome da flor era o dito, tal, se chamava – mas para os namorados respondido somente (ROSA, 2001, p. 206).

Otacília traz consigo, pois, a chance do amor sem máculas, da união legítima e sacramentada, para a qual ela, *moça-de-família* que é, foi talhada. Para tanto, ela apresenta-se disposta e disponível, receptiva ao amor de Riobaldo, e que o jagunço parece sentir, no instante em que pela primeira vez a vê, que se tratava do amor destinado, *demarcado*.

[...] mesmo com a confusão e os latidos de muitos cachorros, eu divulguei, qual que uma luz de candeia mal deixava, a doçura de uma moça, no enquadro da janela, lá dentro. Moça de carinha redonda, entre compridos cabelos. E, o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? Às vezes chega, às vezes. Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro. Mas senti: me senti (ROSA, 2001, p. 173-174).

É claro que à primeira vista, isto é, ao lermos a obra pela primeira vez, pode-nos parecer um tanto inverossímil que uma moça como Otacília, tão pura e recatada, tendo vivido sempre protegida no espaço da casa-de-fazenda, possa, com toda a sua (aparente) fragilidade, ter obtido êxito na conversão de Riobaldo, transformando a sua vida a tal ponto que ele deixa de ser quem era, abandona a errância e as desordens para transmutar-se em um outro, “domesticado”, pacífico, temente a Deus, “homem de bem”. Entretanto, como o próprio Riobaldo nos dá conta, ela “era moça direta e opiniosa, sensata mas de muita ação” (ROSA, 2001, p. 209). Por essa razão, talvez, é que tenha sido justamente ela a escolhida de Riobaldo para, enfim, formar família. Afinal, Otacília possuía tudo o que já foi ilustrado anteriormente – beleza, respeito, posses –, e ainda era capaz de lutar pelo amor e pela salvação de Riobaldo, diferentemente de Diadorim, que era guerreira, era empenhada, mas voltada somente para o seu projeto de vingança no qual Riobaldo mais se incluía como um instrumento do que propriamente um companheiro para a vida toda, como ele passara a aspirar.

Otacília, assim, é *mansa e delicada*, mas nem por isso frágil – ideia que pode ocorrer a quem se debruça pela primeira vez sobre a obra. Para não deixar dúvidas, é o próprio Riobaldo quem explica: “Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucuia, mas que é rio de braveza” (ROSA, 2001, p. 327). Não é por acaso, portanto, que Riobaldo reconhece nela a companheira ideal, mas exatamente por perceber que, além de lhe oportunizar a união legal e respeitável, Otacília possui força e determinação – talvez a mesma força e determinação de Diadorim, embora as duas pareçam inconciliáveis. Se Diadorim hesita até o instante fatal, e se o amor por Nhorinhá – tal como sua carta – demorara a chegar até Riobaldo, é Otacília, afinal, quem o jagunço escolhe para ser a sua companheira.

Ela tinha certeza de que eu ia retornar à Santa Catarina, renovar; e trajar terno de sarjão, flor no peito, sendo o da festa de casamento. Eu fui, com o coração feliz, por Otacília eu estava apaixonado. Conforme me casei, não podia ter

feito coisa melhor, como até hoje ela é minha muito companheira – o senhor conhece, o senhor sabe (ROSA, 2001, p. 619).

Finda a sua *travessia*, findo o *feitiço* que o punha atado a Diadorim, Riobaldo poderá, ao lado de Otacília, finalmente ascender ao reino dos céus e ao reino dos homens, abandonando o seu *demarcado de jagunço*, para transmutar-se em homem devoto e abastado proprietário de terras, deixando o inferno da jagunçagem para, no paraíso da Fazenda Santa Catarina, garantir a purificação e a salvação, além de conquistar o respeito e o *status* que almejava. Riobaldo, o “jagunço-fidalgo”, após empreender verdadeira Cruzada, mostra-se ao final um cavaleiro valoroso, merecedor do grande prêmio – a donzela pura e casta que, guardada nos limites da fazenda, aguardava ansiosa para entregar-lhe o seu amor. “Otacília. O prêmio feito esse eu merecia?” (ROSA, 2001, p. 174). Ao que tudo indica, mereceu.

Igualmente importante nas reminiscências de Riobaldo é Nhorinhá, a sensual, voluptuosa “militriz” (ROSA, 2001, p. 541), cuja lembrança, em meio às agruras do sertão, representa uma centelha de alegria no pensamento de Riobaldo que, somente anos mais tarde, compreenderá que se tratava de amor.

Nhorinhá, a “prostitutriz”, representa na narrativa a luxúria, o amor carnal, normalmente associado à cor vermelha<sup>4</sup>, símbolo da sensualidade e da paixão: “Ao que, num portal, vi uma mulher moça, vestida de vermelho, se ria” (ROSA, 2001, p. 49). Observa-se, entretanto, que a relação com a prostituta está além do prazer corporal, excede o mero deleite, marcando a lembrança de Riobaldo por toda vida. A relação sexual entre o jagunço e a “militriz” ultrapassa os limites do gozo físico, da comunhão carnal, para converter-se em uma união quase sagrada, comparada pelo próprio Riobaldo ao rito do casamento. “Recebeu meu carinho no cetim do pêlo – alegria que foi, feito casamento esponsal” (ROSA, 2001, p. 49). O encontro com Nhorinhá, antes mesmo do apelo erótico, tem a marca do acolhimento – “Recebeu meu carinho...” – e do aconchego, remetendo ao abrigo feminino que Riobaldo fora perdendo ao longo da sua trajetória e cuja falta lhe é sentida enquanto atravessa o sertão viril, povoado de machos bárbaros e distanciado da energia feminina.

Ao contrário dos outros jagunços, Riobaldo não vislumbra, pois, na prostituta apenas a mera satisfação física, mas igualmente uma espécie de ascensão espiritual, para além da carne e dos sentidos. Como acertadamente assevera Kathrin Rosenfield, aliás,

[...] a lógica narrativa não parece distinguir entre o amor das meretrizes (amor carnal) e o amor da virgem e futura esposa (amor espiritual e sublimado). Essas duas facetas do amor conjugam-se, ao contrário, na metáfora da “alegria sponsal” – metáfora que une em um só termo a sensação do bem-estar físico e a harmonia espiritual que marcam o encontro com Nhorinhá. Na “alegria sponsal” que Riobaldo conhece graças à ternura generosa da prostituta, as determinações concretas do amor – a realidade carnal de um, de outro o reconhecimento da mulher enquanto parceira numa troca de gozo erótico – confundem-se, transformando o ato físico em um evento sublime e pleno (ROSENFELD, 2006, p. 285).

Embora represente o amor consumado, o amor da carne, o amor por Nhorinhá vai sendo construído ao longo da obra, também, como um amor terno, quase ingênuo, o que podemos perceber pelo cuidado, pela delicadeza com que Riobaldo lembra da personagem, com carinho e respeito incomuns, que os outros jagunços não prestam às moças de sua categoria. Em que pese, portanto, a condição rebaixada da moça, nas lembranças de Riobaldo ela assume um caráter elevado – quase tanto quanto Otacília<sup>5</sup> – em que a admiração e o respeito não deixam margem para o escárnio ou o preconceito. Ao contrário, o “ofício” de Nhorinhá, é aclamado pelo jagunço:

– Sempre a essas do mel eu dei louvor de meu agradecimento. Renego não, o que me é de doces usos: graças a Deus toda a vida tive estima a toda meretriz, mulheres que são as mais nossas irmãs, a gente precisa melhor delas, dessas belas bondades (ROSA, 2001, p. 252)<sup>6</sup>.

Como já se viu, Riobaldo preza o acolhimento feminino, a ternura e a generosidade das mulheres, sejam elas mães, esposas, ou rameiras.

Na percepção de Riobaldo (da qual o texto nunca se distancia), as adúlteras, moças e meretrizes amadas no percurso de suas andanças, não são menos respeitáveis ou menos encantadoras do que a moça de família Otacília, protegida nos seus “territórios e buritizais” (ROSENFELD, 2006, p. 272).

Não fazendo distinção entre as mulheres, portanto, não faz ele qualquer reparo da sua classe ou situação, apelando apenas para o seu poder restaurador, protetor, como se as mulheres fossem mesmo divindades, capazes de aplacar com seus afetos a brutalidade dos homens sertanejos, ou, ao menos, atenuar-lhe os efeitos da vida desordenada e sangrenta.

Mais do que amenizar os horrores da jagunçagem, as *bestidades* chocantes com as quais Riobaldo vai se deparando ao longo de sua *travessia*, o contato com Nhorinhá restaura-lhe, ao menos no *trivial do momento*, o corpo e a alma adoecidos pelo amor irrealizável que ele traz, amargo junto ao peito, pelo companheiro Diadorim.

Se *Diadorim era o ódio*, Nhorinhá era a própria representação do júbilo, do amor simples, sem culpas e sem titubeios, *de olhos e mãos, e o gosto bom ficado na boca*, sem qualquer estranheza ou repulsa, desimpedido de tudo. Enquanto Diadorim abafa a feminilidade, Nhorinhá distribui seus dotes generosamente, transbordando carinho e sensualidade, transformando o ato sexual em comunhão do corpo e da alma, em um verdadeiro rito espiritual, característica inerente às prostitutas rosianas.

[...] a prostituta, que ganha um relevo excepcional na fabulação de Guimarães Rosa, tem papel saliente. Ela é sempre a fêmea que tem fogos no corpo, pronta a transmitir, generosamente, o impulso vital que ferve em seu ser. [...] Nada há de pecaminoso nelas, como nada de sombrio perpassa no ato sexual, que o romancista valoriza... (NUNES, 1976, p. 149).

O amor de Nhorinhá representa para Riobaldo “um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (ROSA, 2001, p. 327), restabelecendo-o e amenizando a tristeza que *ia se pegando*<sup>7</sup> no jagunço, por conta do forte ódio de Diadorim. Interposta entre o amor irrealizado por Diadorim e o amor idealizado por Otacília, Nhorinhá é a representante do amor concreto, materializado, que acompanha Riobaldo não apenas como lembrança longínqua, mas como sensação física presente, marcante, *gosto bom ficado nos olhos e na boca*<sup>8</sup>. É interessante notar, todavia, que, com exceção da presa de jacaré que ela dera para o jagunço guardar, tudo o mais que envolve a figura de Nhorinhá são sensações, memórias que Riobaldo vai guardando consigo, e que remetem, obviamente,

para o bom e para o belo, resultado da entrega da moça que, como já foi visto, perpassa a mera entrega do corpo, para converter-se em júbilo e transcendência.

Nhorinhá, por sua vez, dá provas de que não se dedica apenas à sensualidade e aos prazeres terrenos, mas entrega-se, também, à devoção, trazendo ao jagunço, além do conforto físico, o amparo religioso, mostrando-lhe, inclusive, “para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa”, e aproximando-se, em certa medida, de Otacília que, com suas rezas, intercedia por Riobaldo junto a Deus. Como Otacília, também Nhorinhá busca para Riobaldo a proteção espiritual, divina, demonstrando, assim, que o jagunço tem algum significado em sua vida, mais que “o trivial do momento”, o que se confirma, depois, com a carta que a moça lhe envia e que, apesar de recebida tardiamente, mostra ao jagunço que gostara dela *de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela esteve, na Aroeirinha, e conheceu, concernente amor*<sup>9</sup>.

O que encanta Riobaldo, portanto, não é apenas a atração pelo corpo bonito que Nhorinhá ofertava para o desfrute, mas igualmente o desvelo, o cuidado que a prostituta lhe dispensa, remetendo, mais uma vez, para a essência feminina que acompanhara Riobaldo em sua meninice, com os afetos, a bondade e o apuro da mãe Bigri, tão distante daquelas bruteszas que ele agora experimenta. Ao guardar na memória a lembrança de Nhorinhá, Riobaldo guarda, em verdade, a lembrança da sua relação com o contato feminino que, somada às reminiscências da infância, fortificam, nos momentos de desânimo, o seu estranhamento com relação ao mundo da jagunçagem, ao mesmo tempo em que aguçam o seu desejo de integrar-se ao mundo civilizado, de tomar parte na vida doméstica, caseira, longe dos desmandos e excessos dos jagunços, precipitando a decisão que ele viria a tomar na Fazenda Santa Catarina, de unir-se a Otacília e assentar-se em paz na vida regrada.

À guisa de conclusão, destaco que, como foi possível verificar, embora aparentemente distanciadas, as mulheres que integram a tríade do amor riobaldiano guardam semelhanças, além do amor pelo jagunço, e acabam, assim, determinando uma verdadeira comunhão do elemento feminino na trajetória do narrador.

Com efeito, Riobaldo não ama uma de cada vez, mas, sim, as três em conjunto, ao mesmo tempo, como se uma estivesse intimamente conectada à outra e, em certa

medida, não é de todo errado afirmar que seus destinos estão interligados, de vez que todas operam, à sua maneira, para um mesmo fim, que é conduzir Riobaldo rumo ao conhecimento do mundo e de si mesmo, entendendo a vida à sua volta, na tentativa de entender e organizar a sua própria, como afirma Roncari: “Riobaldo vive os três paradigmas amorosos simultaneamente. Ele ama Nhorinhá, Diadorim e Otacília *ao mesmo tempo* e não numa sucessão que o levasse pelo caminho da sublimação, ultrapassagem e transcendência” (2004, p. 257).

Mesmo ao final, quando já elegera Otacília para ser a sua esposa, o (ex) jagunço não se desapega de seus outros amores, de suas outras mulheres, as quais ele sente necessidade de reencontrar, de manter junto a si, ainda que apenas através do lembrar e do contar.

O feminino, pois, que conduziu o narrador à ascensão e à redenção, não se resume à personagem com quem, ao final, ele desfruta dos “terres e haveres” materiais e espirituais, mas é resultado do todo, da braveza de Diadorim, que lhe abriu as portas do conhecimento – para o bem ou para o mal –, da alegria de Nhorinhá, que lhe restaurou, de certa forma, o encontro com o feminino, bem como a devoção de Otacília, cujo amor e rezas resgataram o pactário para converter em “homem de bem”, vivendo para a paz, a devoção e o amor.

*Grande sertão: veredas* é a história de Riobaldo, da sua trajetória como homem, mas é, igualmente, a história de Diadorim, Nhorinhá e Otacília, contando a realização dessas mulheres que, além de outras espalhadas ao longo do livro e das memórias do velho Riobaldo, são mãos, braços, almas, a conduzirem-no rumo ao conhecimento, ao descobrimento dos outros e de si mesmo, em meio a feiúras, belezas, tristezas, alegrias, morte e vida, até atingir o renascimento, abandonando o jagunço desgarrado para dar lugar ao fazendeiro devoto, em paz assentado, “vivendo o razoável de cada dia, no estar” (ROSA, 2001, p. 393).

#### Referências:

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *As deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.



- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- DACANAL, José Hildebrando. *Grande sertão: veredas – guia de leitura*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
- DACANAL, José Hildebrando. *Nova narrativa épica no Brasil*. 2. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- DACANAL, José Hildebrando. *Grande sertão: veredas – a obra, a histórica e a crítica*. In: DACANAL, José Hildebrando. *Era uma vez a literatura...* Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 37–55.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 v. v. 2.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Trad. Mário Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa*. Mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Unesp, 2004.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Grande sertão: veredas – roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1992.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.
- SCHÜLLER, Donald. *Grande sertão: veredas – estudos*. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 360-377.
- SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado, originalmente, no Seminário de Pós-Graduação 2009, realizado nos dias 15, 16 e 17 de outubro de 2009, em Novo Hamburgo – RS, na Feevale.

<sup>2</sup> “Diadorim me veio, de meu não-saber e querer. Diadorim – eu adivinhava” (ROSA, 2001, p. 326).

<sup>3</sup> José Roberto Mello aponta, aliás, que “vingança e justiça são sinônimos na Idade Média” (MELLO, 1992, p. 74).

<sup>4</sup> Manfred Lurker diz que vermelho “é a cor da vida, da paixão e do amor: a noiva romana aparecia envolta no *flammeum* para o casamento”. Lembra, todavia, que “Na Bíblia, é a cor do pecado e da penitência; a grande meretriz Babilônia, símbolo dos poderes adversários de Deus, vestia-se em púrpura e escarlate...” (LURKER, 1997, p. 747).

---

<sup>5</sup> “[...] o amor por Nhorinhá”, diz Benedito Nunes, “simples e natural, [...] nasceu de um abraço voluptuoso e foi crescendo na memória de Riobaldo, em torno da recordação do prazer sensível que ela lhe proporcionara, até converter-se numa forte paixão, secretamente cultivada e estranhamente parecida com o sentimento mais puro, quase desencarnado e beatífico que a imagem etérea de Otacília nele produzia” (NUNES, 1976, p. 144-145).

<sup>6</sup> O discurso de Riobaldo lembra o cristianismo primitivo que “permitiu à mulher a possibilidade de uma igualdade em relação aos homens, todos eram irmãos em Cristo. Além disso, aceitou-a pura ou pecadora, como seguidora de Cristo [...]” (BARROS, 2001, p. 143).

<sup>7</sup> “E aquilo, forte que ele sentia, ia se pegando em mim – mas não como ódio, mais em mim virando tristeza” (ROSA, 2001, p. 46).

<sup>8</sup> “Nhorinhá, gosto bom ficado em meus olhos e minha boca” (ROSA, 2001, p. 116).

<sup>9</sup> “Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo o tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor” (ROSA, 2001, p. 116).